



Miguilim

revista eletrônica do netlli
Vol. 2, Núm.3, set.-dez. 2013

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM DO CANDOMBLÉ NO FALAR DOS HOMOSSEXUAIS: A LÍNGUA COMO RESISTÊNCIA



THE INFLUENCE OF CANDOMBLÉ'S LANGUAGE ON HOMOSEXUAL SPEECH: LANGUAGE AS RESISTENCE

Fernando Alves de Oliveira
UFPB, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 10/11/2013 • APROVADO EM 27/03/2014

Abstract

Gay people have been using a particular language, a kind of code based on the speech from Candomblé's spaces, in which they communicate without being understood by outsiders. This strategy actually has another motivation that surpasses the simple use of a code, as this social fact reflects a major acceptance of homosexual people in religions of African descent – considering how, in these spaces, they don't face repression or prejudice common in other religions that reject gays or, when accept them, either try to change them or save them.



Os gays estão fazendo uso de uma linguagem particular, uma espécie de código, baseada na linguagem dos terreiros de Candomblé, para se comunicarem sem serem entendidos pelos demais. Esta estratégia, na verdade, tem outra motivação que não seja apenas a de uso da língua pois reflete uma aceitação maior destes indivíduos em religiões de matriz africana já que, nestes ambientes, não enfrentam repressão ou preconceito como em outras religiões, que rechaçam os gays e, quando os aceitam, tentam mudá-los ou salvá-los.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Language as resistance. Yorùbá. Homosexuality.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem como resistência. Yorùbá. Homossexualidade.

Texto integral

Os estudos sociolinguísticos já não permitem mais considerar a Língua Portuguesa do ponto de vista da homogeneidade. Dezenas de teóricos comprovaram que leis e normas sociais são decisivas no modo de falar das sociedades e que a língua como instrumento representativo da coletividade é de fundamental importância para o entendimento do processo de construção da identidade de determinado povo.

Através do modo como se fala, é possível descobrir mais sobre a personalidade de um indivíduo, sabendo de onde ele é, que tipo de educação recebeu, quais as suas preferências, dentre vários outros aspectos. É possível dizer, inclusive, que a maneira de falar situa o ser humano na estrutura social a que pertence, definindo, inclusive, o seu status neste sistema.

O contexto cultural em que está envolvido o indivíduo também deve ser considerado no entendimento da língua como fenômeno social e é através da etnolinguística que essas realidades são expressas. Esta disciplina tem como objeto de estudo a relação entre linguagem e cultura e também é importante no entendimento do processo de construção da identidade linguística do nosso país.

O caso da Língua Portuguesa, aliás, talvez seja um dos mais significativos quando se fala do processo social de interação linguística na construção de identidades a partir da mistura com outros falares. Desde o descobrimento, a influência de negros, índios e imigrantes vem modificando de maneira bastante acentuada a forma de se expressar trazida pelos portugueses.

Pelo fato de serem colonizadores e o povo que descobriu uma terra até então só habitada por índios, a adoção do Português foi um processo natural, mas que acabou subjugando o dialeto dos nativos, que apesar de serem os primeiros habitantes da terra foram inferiorizados e escravizados. Fracassada a primeira

tentativa de escravização com os indígenas - considerados mais frágeis e suscetíveis a doenças - mandaram vir da África os negros, cuja forma de falar também acabou sendo proibida.



Apesar da evidente predominância do Português (língua do dominador, de tradição escrita e cujo domínio conferia prestígio), entretanto, a forma de se expressar oralmente dos índios exerceu influência direta na língua materna, como explica Póvoas:

A língua portuguesa não poderia sair ilesa do convívio inter-racional entre as massas de população branca e índia. Os cruzamentos sucessivos entre essas duas raças, a convivência diuturna no mesmo labor teriam de ocasionar influências as mais diversas no português do Brasil, mesmo que fosse a língua portuguesa o elemento vitorioso (1989, p. 6).

Vieram então os negros, cuja expressão através dos dialetos crioulos (surgidos dos esforços deles para se comunicarem numa terra em que nem senhores de engenho e nem mesmo os jesuítas se preocupavam em estabelecer canais de comunicação) acabou sendo proibida. Surgem daí os dialetos das senzalas ou dialetos de minas que, também por força dos senhores de engenho (temendo levantes apoiados no entendimento linguístico) desapareceram. Póvoas explica, no entanto, que apesar dos dois dialetos terem desaparecido “não deixariam de influenciar largamente o língua rural do Brasil, principalmente nos aspectos do conservadorismo, tais como alterações na flexão”, (1989, p.7).

Como forma de resistência, os negros passaram a utilizar outra variação do modo de falar, convencionalmente chamado de dialeto do povo-de-santo. Este é notadamente de cunho religioso e se traduziu numa uma forma de manter viva a tradição deles, tanto do ponto de vista religioso quanto cultural. A partir desta realidade, Póvoas explica que a língua falada pelos negros acabou sendo forçada a se restringir aos ambientes de convivência exclusiva deles.

Da mesma maneira que sobrepujou os falares indígenas, a língua portuguesa também o fez em relação aos dialetos africanos. Fatores sociolinguísticos contribuem largamente para a supremacia do português. Tanto os filhos como os netos de escravos, embora criados na senzala, aprenderam melhor os mecanismos da língua portuguesa, uma vez que tiveram contato com eles ainda crianças (1989, p. 8)

Percebe-se, assim, que mesmo relegada a um plano menos importante, a língua dos negros sobrevive e continua influenciando o modo de falar atual e resistindo bravamente em um campo que, devido às estratégias adotadas pelos seus falantes, persiste nos espaços religiosos dos cultos afro-brasileiros.

União pelo divino



A forma como a sociedade foi construída excluiu o negro sob vários aspectos (não somente o linguístico) e, neste ponto, converge uma identificação natural com os homossexuais, também vítimas de preconceito e discriminação por causa das suas preferências e práticas sexuais diferentes da maioria.

Como os negros, os gays também têm uma história de resistência aos poderes controladores em relação às normas pautadas pelos padrões europeus, católicos e heterossexuais e tiveram que adotar estratégias de melhor convivência com o resto da sociedade e até mesmo de sobrevivência. Com a língua não poderia ser diferente e assim, num campo em que os dois segmentos (negros e gays) se unem pelos laços históricos da resistência ao preconceito, a interação linguística não parece ser um fenômeno que cause surpresa.

Um dos pontos desta ligação é o religioso, pois os gays passam a ter uma identificação com os cultos afros, espaços onde são acolhidos sem distinção. Nestas celebrações, não importa a orientação afetiva do indivíduo, uma vez que a ambiguidade sexual é vivida plenamente através dos santos. A exaltação à natureza e o fato de participantes incorporarem divindades masculinas e femininas sem distinção fazem com que os terreiros acabem sendo um campo mais livre para os homossexuais.

Trevisan (2004), falando sobre as relações entre o candomblé e a vivência homossexual, diz que vários antropólogos e pesquisadores das religiões afro-brasileiras confirmaram esta ocorrência em pesquisas de campo.

Nos cultos dos orixás da África Ocidental, já existia a tradição de considerar como não-desviantes muitos aspectos da homossexualidade. Além disso, o travestismo é comum nesses rituais em que os sacerdotes africanos costumam usar vestimentas nupciais femininas do século XIX. ... Já na própria doutrina e metafísica do candomblé encontra-se a essência divina primordial com sexo indefinido, abrangendo o ciclo do ativo ao passivo, indiscriminadamente. (Trevisan, 2004, p. 479).

Oliveira, Souza e Paula reforçam o caráter totalitário, integrativo do candomblé.

O sistema mítico do candomblé não é fragmentário nem excludente; é totalitário – no sentido de abranger o ser humano como um todo -, e integrativo. Os mitos, os processos de iniciação, os rituais, enfim, toda estrutura mítica do candomblé obedece a uma lógica própria, lógica essa que concebe o tempo e o espaço diferentemente de como os concebe o mundo racional, baseado em axiomas científicos, do ocidente (2002, p.2).

Citando a autora Ronilda Ribeiro, os autores afirmam que a noção de pessoa no candomblé reconhece a importância do indivíduo de forma integral, o que reforça a teoria da religião não ter caráter discriminatório e, por isso, ser ambiente livre para os homossexuais.

Essa concepção de pessoa, apesar de reconhecer a importância do indivíduo, não aparta-o da vida social; pelo contrário, um dos elementos que o compõe é justamente o social, a dimensão coletiva e comunitária de sua existência (Oliveira, Souza e Paula 2002, p.3).

Linguagem de negros e gays: estabelecendo um código de resistência

Como numa espécie de trauma histórico, devido à força com que tiveram de resistir para manter o mais elementar dos direitos humanos, o de se expressar livremente, os negros adotaram estratégias que lhes permitiram manter viva a língua-de-santo, “vítima” das variações que restaram do período da escravidão. Eles não aceitam a escrita como forma de perpetuar a crença, adotando apenas o sistema “boca-ouvido” como meio de transmissão da língua sagrada de comunicação dos santos.

Póvoas lembra que mais essa expressão de resistência do povo negro tem oferecido dificuldades a pesquisadores que se interessam pelo assunto como teoria científica, além dos meios de comunicação de massa interessados na cobertura de temas ligados a esse assunto.

...para barrar o acesso da imprensa e dos pesquisadores, armou-se mais um artifício: passou a fornecer informações deliberadamente deturpadas, buscando salvaguardar seus preceitos e segredos, fazendo de tudo um mistério (1989, p.10).

Mesmo confinada aos terreiros, a língua do candomblé foi influenciada e exerceu influência, extrapolando os muros dos terreiros, passando a ser usada em ambientes diversos e resignificando-se numa ampliação de sentido facilmente notada. Em um processo em que ainda é preciso considerar o fato de que a língua do candomblé sempre foi vista com preconceito pela norma culta por se referir a uma classe social desprestigiada, os termos e expressões sagradas acabaram se incorporando ao português.

Apesar de ágrafa e quase fora do alcance dos não-iniciados na religião de santo, passa a haver uma interação linguística bastante forte, provocando o que Póvoas chama de “sacralização do vernáculo”.

Da convivência diuturna com as duas línguas, o falante do candomblé termina aplicando ao português cargas semânticas próprias ao universo nàgó. Assim, *camarinha*, *matança*, *sacudimento*, *salão*, *terreiro*, embora vernáculos, afracanizam-se em nível semântico, no momento em que se referem ao mundo religioso e se tornam tão sagrados quanto os seus correspondentes nàgó (1989, p.20).



De todo este processo resultou também a interação com o modo de falar dos homossexuais, gerando um fenômeno linguístico que “atingiu” não somente os ligados à religião, mas por um processo de aquisição, os gays que não frequentam os terreiros. Trevisan (2007) conta que a linguagem é tida, hoje, como um dos “signos de afirmação” da cultura gay “que impõe marcas positivas na linguagem, tanto para enfatizar esta cultura quanto para permitir que só os ‘eleitos’ a captem... quanto mais discriminados, mais cifrados”, (p.14).

Yorùbá e Português: Interação para a riqueza linguística

De mais de três séculos de escravatura só poderia ter surgido uma riqueza linguística que, incontestavelmente, teria influências no modo de falar do país. Neto, citando autores como Ferreira Goulart e Yeda Pessoa de Castro, explica que um dos maiores grupos “exportados” do continente africano para o Brasil foi o dos sudaneses, cujo idioma é o yorùbá (também chamado nàgó, bajubá ou pajubá), o mais falado nos terreiros do país. É desta origem a maioria das palavras usadas no falar homossexual, numa forma de, como no candomblé, evitar que pessoas de fora entendam conversas íntimas. A língua neste caso é tida como uma espécie de código de resistência.

Dezenas de palavras que sofreram esta influência foram levantadas no Dicionário Aurélia, que traz pelo menos dezenas de verbetes utilizados por homossexuais de todo o país. Póvoas dá pistas sobre o fato do yòrubá ter se estabelecido e permanecido como a língua mais falada nos terreiros.

...a superioridade cultural dos negros yorùbá, com suas práticas religiosas bem definidas e uma filosofia de vida bem fundamentada, determinou uma certa supremacia da língua nàgó (1989, p.19).

Esta supremacia acabou facilitando a incorporação de um número maior de palavras do dialeto pelos homossexuais.

Conhecendo o yorùbá

Filho conta que o idioma pertence ao mesmo grupo linguístico do chinês sendo, portanto, uma língua tonal. Tem grande parte de seu vocabulário formado por palavras monossilábicas e polissilábicas. Ele conta um pouco sobre a origem do povo sudanês, principal falante do yorùbá.



Mitologicamente o povo yorùbá foi expulso de Meca e obrigado a dirigir-se para o ocidente nigeriano, onde até hoje se encontra. Isso se deu em virtude de uma guerra entre Odùdùwa e seus seguidores, que eram conservadores e defendiam a volta à idolatria islâmica. Antes de organizar a expedição que vingaria a sua expulsão, Odùdùwa morreu, deixando seu neto Òranmíyàn, encarregado de vingá-lo, já que seu filho Òkanbi falecera anteriormente. Porém Òranmíyàn fracassou devido à discordância com seus irmãos (Filho, 2002, p.25).

O alfabeto yorùbá tem 25 letras e, diferentemente do Português, não existem as letras *c, q, v, x, z*. Algumas das outras letras, pelo caráter tonal da língua, têm pronúncia diferenciada da língua falada no Brasil.

A B D E E F G GB H I J K L M N O O P R S S T U W Y
a bi di ê é fi gui gbi hì i djì k ì l ì m ì n ì o ó kpí rì s ì s ì t ì ú u ì ì

Deste alfabeto foram tiradas as sete vogais do yorùbá (A E E I O Ô U).

Para facilitação do entendimento da língua, Filho faz um quadro com pronúncias que facilitarão o entendimento a partir de agora:

VOGAIS

A pronunciado como em água/**Ê** pronunciado como em dedo/**É**
pronunciado como em ela/**I** pronunciado como em vida/**O** pronunciado como em
bola/**Ô** pronunciado como em bolo/**U** pronunciado como em uva

CONSOANTES

B pronunciado como em bingo/**D** pronunciado como em Didi/**F**
pronunciado como em filho/**G** pronunciado como em gude/**GB** não existe similar
em português/**H** pronunciado como em ilha/**J** pronunciado como em Djalma/**K**
pronunciado como em casa/**L** pronunciado como em lição/**M** pronunciado como
em mingau/**N** pronunciado como em Nilda/**P** pronunciado como em pilha/**R**
pronunciado como em Ricardo/**S** pronunciado como em sinuca/**S** pronunciado
como em xadrez/**T** pronunciado como em time/**W** pronunciado como em
Wilson/**Y** pronunciado como em maio

Entretanto, a interferência do Português no *nàgô* acarreta uma mudança de sentido às palavras originais, responsável, também, por alterações de ordem morfológicas e fonéticas. Sobre a mudança dos termos em *yorùbá*, Póvoas escreve.

...a interferência do português no *nàgô* ocasiona o uso do léxico africano com uma semântica brasileira, proporcionando o aportuguesamento do léxico do *candomblé*. A concepção dos lexemas *Sàngó*, *Ògún*, *Òsòsì*, *Yémánjá* e *Omolu* traz é a mesma referência a São Jerônimo, Santo Antônio, São Jorge, Nossa Senhora da Conceição e São Lázaro, respectivamente. Os lexemas designativos da culinária *nàgô* *abará*, *acarajé*, *efó*, *mungunzá*, *vatapá* assumiram significados de o que serve para a alimentação comum. Desaparece a sacralização, principalmente se esses alimentos são servidos à refeição comum (1989, pg. 21 e 22).

Resignificação: mais uma estratégia de falantes discriminados

No Aurélia, A Dicionária da Língua Afiada (2000), há dezenas palavras do universo homossexual (homens e mulheres) derivados do *yorùbá*. Como os autores dizem nas primeiras páginas da publicação, muitos são “chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinados grupos”. Alguns são adaptados (a partir de junção com palavras do próprio *nàgô*, do português e de outras línguas) numa tentativa de revestir estas palavras de uma carga semântica que tenha mais a ver com o seu universo, num sentido inverso ao que aconteceu com os negros, que utilizaram palavras da língua portuguesa para uso nos rituais de *candomblé*. Há um extrapolamento da comunicação verbal imediata, alcançando esta linguagem uma outra dimensão semântica.

...assim, *abrir mesa*, *banho-de-folha*, *camarinha*, *despacho*, *fio-de-conta*, *jogar búzio*, *limpeza-de-corpo*, *matança*, *obrigação*, *pó*, *quitanda*, *roça*, *sacudimento*, *terreiro* são lexemas portugueses, mas possuem carga semântica africana, designando objetos, espaços e atividades do universo sócio-religioso, o intercâmbio entre o homem e o *òrísá* (Póvoas,1989, p.43).

Estas palavras são de várias classes gramaticais e, dentre elas, estão desde o adjetivo *uó*, comumente usado para designar algo ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado e *akué*, sinônimo de dinheiro; até outros menos conhecidos como o substantivo masculino *quati*, usado para designar o gay que tem o hábito de roubar; o adjetivo *matim*, numa referência a coisas pequenas; *adé-fontó*, que significa bicha enrustida e o verbo *aquendar* usado quando se quer chamar a atenção de alguém ou quando se refere ao ato de abordar um pretendente sexual. Há também o substantivo masculino *caô*, usado para designar

truque, mentira; *alibã*, o mesmo que policial e *ajeum*, mesmo que comida, dentre vários outros.

Outros como a expressão *dar a elza*, que significa roubar; o substantivo *ilê*, como casa, apartamento; *desaquendar*, o mesmo que deixar de lado, esquecer; *edi*, sinônimo de bunda e ânus; *erê*, designando criança; *indaca*, rosto, feição; *laruê*, fofoca e *laquaqua*, pênis grande, também estão entre os mais utilizados.

Considerações Finais

Considerando o contexto de preconceito e discriminação vivido pelos homossexuais, a apropriação do dialeto yorùbá como forma de comunicação é mais uma expressão de resistência de uma parcela da população que, como os negros, têm um histórico de dificuldades de convivência social e precisam lançar mão de artifícios (desde o estabelecimento de códigos de comunicação até a luta armada) para viver melhor.

Os gays viram no caráter fechado da língua yorùbá, não apenas uma forma livre de acesso ao divino (comumente negada em outras vertentes religiosas), mas também, através da adaptação semântica, uma forma de comunicação em código que lhes permite falar sem serem entendidos.

Reforça-se, assim, a idéia de que tanto a língua dos negros como a dos homossexuais ultrapassam as barreiras da idéia de língua apenas como canal de comunicação, abarcando conceitos mais amplos, principalmente do ponto de vista do significado.

Referências

FILHO, Fernandez Portugal. **Guia Prático da Língua Yòrubá**. São Paulo, Madras Editora, 2002.

NETO, Antônio Gomes da Costa. **Candomblés de Brasília: Contribuição aos estudos dos rituais afro-brasileiros no Distrito Federal**. Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo David de; SOUZA, Marcilene Garcia de; PAULA, Maria José da Silva S. **A Questão de Gênero do Candomblé**.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A Linguagem do Candomblé**. Rio de Janeiro, Editora Livraria José Olímpio, 1989.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso – A Homossexualidade no Brasil da Colônia à Atualidade**. Rio de Janeiro, Editora Record, 6ª ed., 2004.

_____. **O Linguajar do Gueto Guei**. Revista G Magazine. Rio de Janeiro. Edição nº 113, ano 9, fevereiro de 2007.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia – A Dicionária da Língua Afiada** – São Paulo, Editora do Bispo.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Fernando Alves de. A influência da linguagem do Candomblé no falar dos homossexuais. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 3, p. 3-12, dez. 2013.

O Autor

Aluno do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), tem graduação em Comunicação Social - Jornalismo e Letras (Língua Portuguesa). Ministra aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio e Fundamental em escolas da rede pública da Paraíba.